

Subsídio para uma Eclesiologia Anglicana Católica e Reformada

+ Rowam Williams

Uma versão abreviada pelo próprio autor de um ensaio apresentado na Catedral de Gloucester na ocasião do lançamento oficial do Catolicismo da Afirmação na Diocese, na Festa de Tomas, o Apóstolo, em de julho de 1993. O autor é bispo da diocese de Monmouth, da Igreja no País de Gales. Antes de ser bispo ele atuou como um teólogo acadêmico muito voltado para as questões pastorais e humanas. Foi por muitos anos titular da cadeira Lady Margareth de teologia na universidade de Oxford, posição acadêmica reconhecida como a mais elevada nessa universidade. Entre suas obras destacam-se *The Wound of Knowledge* (Espiritualidade, do Novo Testamento a São João da Cruz) 1979, *Ressurrection*, 1982, *Open to Judgement*, 1994, *On Christian Theology*, 1999.

O título deste ensaio é um bom slogan para o pensamento e descrição do anglicanismo, porém a razão da escolha está no que segue. Estou consciente de certo embaraço a respeito da reforma e da tradição reformada no que passa muito hoje em dia pelo catolicismo na Igreja Anglicana. Assim sendo, talvez, excentricamente desejo afirmar o catolicismo falando a respeito do que significa ser um cristão reformado na tradição católica. Penso que quando deixamos de refletir sobre isso perdemos um dos aspectos mais distintos e criticamente afiados do ser anglicano. No início de dezembro de 1992 fui convidado por amigo batista a visitar Penrhys no vale de Rhonda. Essa é uma área mais empobrecida de todo o País de Gales, com o elevado índice de desemprego e de crime de proporções épicas.

Penrhys é um deserto e é, também, um dos lugares tenho visto a Igreja - Igreja Católica, a Igreja Reformada viva. Ai há uma só Igreja e meu amigo me levou para visitar John Morgan, Ministro da Igreja Unida Reformada. Ali há uma só Igreja e não há outra e até onde sei ela é Igreja Católica.

John Morgan deixou de ser o moderador da Província Galesa da Igreja Reformada Unida para se aposentar com sua esposa em Penrhys, onde compraram uma propriedade do município e construíram, por assim dizer, um espaço mobiliado para adoração, espaçoso, belo, hospitaleiro. Eles fizeram uma pesquisa na vizinhança sobre o que povo queria. E a resposta era um bar, uma loja de roupas usadas (ninguém tem dinheiro), creche e poucas coisas como esses.

Assim, eles fizeram da propriedade adquirida um lugar conhecido como Llanfair Penrhys, a Igreja de Santa Maria. É uma Igreja e quando o povo diz eu vou à Igreja eles estão realmente dizendo que vou à loja de roupas usada, ou bar, ou à creche, ou para conversar com John, ou vou à capela para fazer oração e acender uma vela. Uma vez por semana eles têm completas a cantochão com cinquenta ou sessenta pessoas e, aos domingos, a capela fica superlotada de gente para a Eucaristia. É uma celebração constante e imaginativamente elaborada junto com o povo local para encontrar palavras certas e formas certas. Agora, se alguém vem com questões retóricas como estas: é uma eucaristia verdadeira? São sacramentos reais? É John Morgan ministro válido da Palavra e do Sacramento na tradição católica? Eu não sei por onde começar a responder. Espero que não seja uma espécie de resposta prática e subjetiva, porque o local me parece ter a ver com o que a Escritura e tradição pensa como marcas da Igreja e se estivermos pensando a respeito da fidelidade a Nosso Senhor Jesus Cristo e sobre a unidade, santidade, apostolicidade e catolicidade, penso que o que descrevi corresponde a essas marcas melhor do que quaisquer das Igrejas Anglicanas em que eu possa pensar.

Ai se encontra um nível extraordinário de imersão na tradição, na linguagem de adoração, um padrão de adoração estruturado de modo tradicional. Há Oração Diária. O espaço litúrgico é cuidadosamente projetado de modo a se aproximar da prática e figura tradicionais sem ser um lugar eclesial convencional. É uma Igreja que exigiu uma busca e fez questionamento sério sobre o que deve ser criticado e elaborado para a proclamação do Evangelho. A vida comunitária e o testemunho de João e Nora e da gente que vive na propriedade da Igreja me parece ser um exemplo notável do que se pode ser chamado de Católica e Reformada. Qualquer definição de catolicidade que exclui alguma coisa como essa experiência parece não apenas indelicada, mas também errônea e categoricamente errônea.

Isso me leva a perceber quão necessário e muito necessário que nós, cristãos católicos, recuperemos o que só posso denominar de vocações complementares no mundo cristão.

Já desde o começo do cristianismo havia tensão entre o pertencer e não pertencer, continuidade e revolução. Na Igreja Cristã real que, de fato, existe, no mundo e não em alguma fantasia, temos de entender que há perspectivas que nenhuma forma, nenhuma estrutura ou sistema possa apoderar de uma vez por todas e que Deus suscita alguns para que vejamos, ouçamos o que não queremos saber ou ouvir. Isso significa que, na Igreja real, haverá aqueles cuja ordem eclesial e cuja prática sacramental que não sejam semelhantes à nossa e jamais serão semelhantes. Não penso que os nossos irmãos e nossas irmãs batistas jamais dirão: erramos, porque penso que Deus suscitou os batistas dentro da Igreja global para nos lembrar do que a nossa prática sacramental do batismo infantil não pode dizer, isto é, alguma verdade a respeito do sacramento do Santo Batismo que a nossa prática não contem. Mas se o batismo dos crentes assolar toda a Igreja cristã, então, eu diria alguma coisa que o batismo infantil proclama e mostra. Não sei se podemos algum dia juntar essas visões, mas podemos, no mínimo, começar pensar no que significa que Deus tem suscitado cada um de nós para dizer a outro alguma coisa que o outro não pode dizer por si mesmo, e para nos lembrar a respeito de nossa prática e linguagem que não conseguem até agora compreender o todo do mistério.

Até certo ponto todos nós aceitamos que há diversidade de perspectivas e ênfases na teologia e na espiritualidade e que existem coisas que esta tradição particular diz que a outra não pode dizer. Se levarmos seriamente a catolicidade, temos de pressioná-la um pouco mais adiante ao ponto de reconhecer que, no espectro todo da linguagem e da prática, há essas vocações diferentes, para que saibamos no que falhamos em nosso discurso e em nossa compreensão, a fim de conhecer a nossa necessidade de reforma, nossa necessidade de estamos conscientes do que ainda não conseguimos dizer, o mistério tremendo de Deus e de sua obra.

Podemos celebrar a eucaristia com drama e dignidade e de modo sacerdotal e com estruturas litúrgicas históricas impressionantes. Podemos colocar toda a energia numa liturgia que procura expressar o nosso arrebatamento na adoração celestial, no Filho que se oferece ao Pai em sacrifício e isso o que a teologia eucarística católica e prática nos dizem. Fazendo tudo isso somos ainda ser-vos indignos, porque há alguma coisa que ainda não temos visto: a Ceia dos Quacres ou o encontro dos irmãos para o Partir do Pão possa dizer e nós não podemos dizer. Podemos encarar esse fato com rivalidade e suspeita ou num espírito de gratidão e o meu voto é pela gratidão. Isso é parte do que quero dizer por Igreja Católica e Reformada, que não é ávida para reconsolidar um sistema homogêneo, mas que esteja preparada para viver com pluralidade, não porque é indiferente, mas por causa do temor e tremor do mistério e da riqueza de Deus que nenhum sistema pode gerenciar em nosso favor. Não estou dizendo que, portanto, o que importa na Igreja é se isto faz você feliz ou se tudo vale, ou se todas as práticas litúrgicas e doutrinárias possíveis são de igual valor, mas que há muitas maneiras pelas quais os cristãos podem reconhecer uns aos outros e necessidade de marcos ou limites para tanto.

O batismo do crente ou batismo infantil é batismo, afinal. Você sabe do que você está discordando quando se encontra com cristãos que dizem ter feito a iniciação das pessoas com um abraço e dando-lhes sanduíche com mel. Ai vai ficar com dúvida sobre com quem está dialogando.

O que realmente temo é que, na Igreja da Inglaterra e na Igreja do País de Gales, há um seqüestro do anglicanismo por parte de catolicismo paroquial, paroquialismo do pensamento de que a tradição que precisamos promover não tem nada, de certa forma, a ver com o mundo cristão considerável e vital existente além de suas fronteiras.

Espero que vocês vejam o que desejo dizer por esses perigos do seqüestro. Por exemplo, na questão como a ordenação feminina o perigo é que a nossa discussão está-se tornando paroquial nos dois lados do debate. Um engajamento sem uma consciência do pensamento vastamente criativo sobre a teologia do ministério ordenado que se tem desenvolvido tanto nas tradições católica e re-formada fora destas nossas ilhas, sem essa consciência, repito, degenera-se em alteração doméstica. Desejo dizer: levantem os olhos. Há um mundo teológico, litúrgico cheio de imaginação em algum lugar, em algum lugar muito próximo como em Llanfair Penrhys.

A coisa principal coisa que desejo dizer positivamente é que o reconhecimento católico de que o sistema não pode dizer tudo não é um ataque, mas antes um sinal de profunda confiança. Os sistemas teológicos, doutrinários e disciplinares do catolicismo não fazem tudo, não dizem tudo, não contêm toda a verdade. Porém seus adeptos podem dizer aos batistas, aos Irmãos, à Sociedade dos Amigos: temos a liberdade de ouvir vocês porque Deus nos mostrou alguma coisa em vocês que nós mesmos não podemos mostrar. Dizer isso é uma confissão enorme de confiança na elasticidade da tradição católica. Não é necessário que esta liberdade seja defendida a prejuízo de alguém. Ela pode manter e gozar a sua integridade, embora tenha de ter, ao mesmo tempo, humildade para olhar para Deus algum outro lugar e ouvi-Lo em outro lugar.

Isso também deve dizer-nos alguma coisa significativa a respeito de toda a Igreja e a necessidade de ser grato pela diferença que outros representam, ao invés de ter ressentimento e suspeita para com a diferença. Tal posição se deriva do

vigor e não da fraqueza, do compromisso com a verdade, ao invés da indiferença. Na melhor das hipóteses, a tradição católica pode vindicar que ela tem suficiente alegria. Gratidão e confiança na sua compreensão para saber que ela não vai ser minada nem menosprezada por outras perspectivas, porém antes enriquecida e iluminada por elas. Em outras palavras, o catolicismo, na melhor das hipóteses, e na expressão mais verdadeira inclui o elemento crítico reformado, aquela disposição de ser julgada. Onde está a tua autoridade? Essas palavras deve ser gravadas na porta da Câmara da Igreja, em Westminster, do Palácio de Lambeth ou da sede da Igreja em Newport. A questão e queixa surgem do erro cardeal de identificar a autoridade com o policiamento. De fato, a autoridade é a pressão da comunidade sobre os indivíduos. Uma forma seu exercício é o juízo ligeiro da espada, porém a forma mais comum é mais sutil, mais penetrante e mais duradouro e muito mais contínuo. Este processo 'menos nítido do que o uso militar e, conseqüentemente, tem maior abertura à dissensão. Levando em consideração o nosso método na Igreja da Inglaterra, haverá sempre muita gente na margem e ela existe, sem dúvida, em outras Igrejas, mesmo num regime como o de Roma, só que ela tem de ser mais discreta ou será silenciada. A longo prazo, o nosso método é mais efeti-vo, pois a mente e a consciência vão juntos. Temos de nos lembrar de que nenhuma autoridade absoluta é inteiramente eficaz. Nenhum estado tem existido sem uma classe de criminosos.

Se a Igreja for moldada nessa autoridade absoluta haverá sempre gente que nela vive sem obedecer suas regras propriamente.

O catolicismo da afirmação pode correta, apropriada e proveitosamente afirmar, também, o protestantismo, não porque estamos confundindo a nossa linguagem e nos tornando "centristas" que vão com tudo e andam confusos, mas porque a verdade do catolicismo procura ensinar a verdade a respeito de Deus. Dentro dessa verdade, sabemos que pertencemos e não pertencemos e sabemos que a continuidade e novidades têm a mesma importância, porque essa é a maneira como aprendemos de Cristo a denominarmo-nos de católicos e reformados e isso não implica em admitir contradição e confusão, mas reconhecer que Deus que ninguém pode controlar, Deus cheio de mistério e oculto, o qual é, também o Deus que revelou o seu rosto em Jesus Cristo e nos conduz, nos ensina de modos distintos como cada qual diz a outros.

Não podemos ser católicos reais sem aquele fio reformado, porque, se pensamos que pode-mos existir insulados e nos opondo a tudo, corremos o risco de dizer, afinal, temos costurado Deus e o que nos importa é o sistema. Até onde a Reforma sacudiu o sistema, graças a Deus pela reforma e como anglicanos não devemos nos esquecer disso. Isso não implica em dizer "não" à nossa tradição, que é capaz de se colocar sob o julgamento, a tradição que é capaz, ainda, de ouvir uma palavra de fora e voltar a ser testada, e, talvez, por vezes, ser quebrada sobre a rocha de Cristo.

+Rowan Williams, Bispo de Monmouth (Pais de Gales)
Extraído do Jornal do Affirming Catholicism,
Tradução de +Sumio Takatsu
em Novembro/99